
A GUERRA DO GOLFO E O DECLÍNIO DA URSS

NAÍR SILVA ROCHA

RESUMO

É no Médio Oriente que o isolamento soviético mais se faz sentir, sendo o domínio americano aí quase total. Se até Gorbatchov, a influência soviética era canalizada para a Síria, a partir de então, o Kremlin, fará uma reconsideração da política para a região. Moscovo abandonará a política de privilégio para com os aliados, procurando reaproximar-se de países importantes do ponto de vista económico, como a Arábia Saudita, o Kuwait ou Israel e, incrementar os laços com o Egipto, Irão, Líbano ou Jordânia. O líder do PCUS vai defender um acordo político justo para a região, tomando com pedra basilar do processo de paz do Médio Oriente, o reconhecimento do Estado de Israel. A URSS recusará participar na força multinacional para o Golfo, reservando, deste modo, para si um papel neutral e a possibilidade de desempenho de mediador no conflito e, perdendo o seu estatuto de superpotência.

ABSTRACT

It is on the Middle East that it feels more sovietic isolation and american control is almost total. If till Gorbachov, the sovietic influence was directed into Siria, from that, the Kremlin will do a political reconsideration for the region. Moscow will abandon his privilege politics with the allies, searching to reapproach from important countries in the economic field, like Saudit Arabia, Kuwait or Israel, and increase ties with Egipt, Iran, Libano or Jordania. The PCUS lider will go to defend a just political agreement for the region where the basic stone for the Middle East peace process will be the recognition of the Israel State. USSR will refuse to participate on the multinational force for the Gulf War and, will loose the superpotential status.

O isolamento soviético, nesta zona geo-estratégica, inicia-se com o corte das relações diplomáticas entre Moscovo e Tel Aviv a quando da guerra dos Seis dias¹ e tem o seu auge, em 1972, altura em que o Presidente egípcio, Anwar Sadat, expulsa os conselheiros militares e económicos soviéticos. Mas,

¹ A 5 de Junho de 1967, a aviação israelita destrói a aviação egípcia, dando início à guerra dos seis dias. Em consequência a URSS exigirá a evacuação de todos os territórios ocupados pelos Israelitas. (Duroselle 1990:755-756).

A GUERRA DO GOLFO E O DECLÍNIO DA URSS

o quase total domínio americano, na região, só surgiria com os Acordos de Camp David² e o tratado de Paz israelo-egípcio³. A partir deste momento, as duas superpotências passam a alinhar sobre os seus peões básicos, os Estados Unidos com Israel e a União Soviética com a Síria.

244

Assim, Washington limita-se a compactuar com os interesses judaicos, aliás muito bem trabalhados, em Washington, pelo 'lobby' pró-israelita. Quanto a Moscovo, apesar do seu apoio à causa palestina, a sua influência será, durante vários anos, apenas canalizada para a Síria, país que era olhado com desconfiança pelos Estados árabes moderados, mais pertos de Arafat. Desta forma, a primeira iniciativa soviética, para a região, ocorre em Julho de 1984, altura em que Moscovo sugere a organização de uma conferência internacional de paz pelos membros permanentes do Conselho de Segurança da ONU.

No entanto, será com a chegada ao poder de Gorbatchov que os sinais de mudança começarão a evidenciar-se, prefigurando-se uma tendência de reconsideração da política soviética para a região" o que, no entender de Gonzaga Ferreira, obedecia "a uma visão global, ecuménica, de todos os dados do problema local." (Ferreira 1988:140). De facto, o 'novo pensamento' de Gorbatchov, para esta parte do globo, vai alicerçar-se num conjunto de novas directivas que serão acompanhadas por uma nova atitude diplomática relativamente a dois grandes problemas regionais: o conflito israelo-árabe e a guerra Irão-Iraque⁴. Por outro lado, Moscovo abandonará a política de privilégio para com os seus aliados, encetada por Andrei Gromyko, em 1967.

A razão para tal atitude prende-se, essencialmente, com três ordens de razões: geográficas, económicas e políticas. A nível **geográfico**, sendo o Médio Oriente uma região adjacente ao território soviético e um dos palcos preferenciais da competição entre as duas superpotências, não é de estranhar o interesse particular da URSS por esta região. No aspecto **económico**, refira-se a vontade da URSS em cooperar com os países integrados no campo capitalista. Finalmente, sendo esta parte do globo uma zona sensível aos EUA, devido aos poderosos aliados com que aqui podiam contar, não é de estranhar que o novo secretário do PCUS pretendesse almejar a **paridade política** da URSS, na resolução dos conflitos Irão-Iraque e árabe-israelita.

² Os Acordos de Camp David seriam assinados em Setembro de 1978.

³ O Tratado de Paz israelo-egípcio foi assinado, em Washington, a 26 de Março de 1979. (Duroselle 1990:863).

⁴ A 22 de Setembro de 1980, Hussein decide atacar o Irão para recuperar os territórios perdidos em Março de 1975. A URSS e França eram fornecedores massivos de armas ao Iraque. Por sua vez, a União Soviética, através dos países amigos como a Coreia do Norte, Iemen do Sul, Líbia e Síria, fornecia armas ao Irão. Assim, a URSS manterá relações com os dois países em guerra. A 8 de Agosto de 1988, o secretário-geral das Nações Unidas, Perez de Cuellar, anuncia que o cessar fogo tomará lugar no dia 20 desse mês. (Duroselle 1990:868-869).

No entanto, segundo Gonzaga Ferreira (1988), a nova política de Gorbachov baseia-se em três postulados fundamentais:

1. Continuação da política de relações preferenciais com a Síria, de forma a impedir a alteração do equilíbrio militar na zona. De facto, Moscovo sabia que a manutenção do apoio de suprimento dos Estados Unidos contribuiria para que nenhuma guerra fosse favorável à causa árabe. Assim, a via diplomática restava como única solução possível para a resolução da crise no Médio Oriente.
2. O restabelecimento de relações diplomáticas com Israel não significava um apoio às teses radicais de Ytshak Shamir ou sequer às moderadas de Perez, pois a URSS continuava a achar legítimas as negociações conjuntas e as reivindicações da Frente Comum Árabe (FCA);
3. Apesar do novo líder soviético ser visto como o patrono da reconciliação Palestiniana e de contar com um forte apoio do Congresso Nacional Palestino (CNP), no seio da Organização de Libertação da Palestina (OLP) havia algumas dúvidas e receios face à multiplicação das acções e gestos conciliatórios e de aproximação dos soviéticos.

Para além destes factores, poderíamos acrescentar ainda um quarto postulado que completando os outros três, torna-se num elemento imprescindível à justificação das mudanças exercidas na política estratégico-diplomática da URSS:

4. A política dos Estados Unidos que, durante várias décadas e até ao fim da ordem da 'guerra fria', teve como base os seguintes princípios:
 - a) Contenção do expansionismo soviético e tentativa de exclusão da URSS dos jogos diplomáticos regionais;
 - b) Garantia de fornecimento de petróleo ao Ocidente a preços baixos e estáveis;
 - c) Preservação da segurança de Israel e da sua superioridade militar na região;
 - d) Defesa do '*status-quo*' político, no Médio Oriente, através do apoio a governos pró-americanos, com especial destaque para a Arábia Saudita e países do Golfo Pérsico.

Assim, não é de estranhar que a proposta da URSS de realização de uma conferência internacional para resolução do conflito israelo-árabe não tenha sido bem recebida pelos Estados Unidos, pois eles não desejavam contribuir para o retorno da União Soviética ao Médio Oriente. Além do mais, esta era também uma forma de compactuar com a causa israelita

que via, na realização de uma conferência internacional, a possibilidade dos intervenientes procederem ao reconhecimento dos legítimos direitos dos palestinianos (e da Síria sobre os Golan). Na procura de uma nova imagem perante a comunidade internacional, a URSS restabelecerá, então, os seus laços diplomáticos com os Emirados Árabes Unidos, Oman, Arábia Saudita, Israel e Kuwait, incrementando o seu relacionamento político com o Egipto⁵, Jordânia⁶, Síria, Irão⁷, Iraque e Líbano.

Paralelamente, em Abril de 1986, manifestará, pela primeira vez, o seu apoio político e financeiro às Forças das Nações Unidas no Líbano (FINUL). Mas, o retorno soviético ao Médio Oriente acabaria por trazer custos pesados para o seu principal aliado: a Síria. De facto em Abril de 1987, Hafez-Al-Assad será informado, durante a sua deslocação a Moscovo, de que o fornecimento de armas passaria a limitar-se ao "suficiente para as necessidades de defesa da Síria" (Walker 1987:19), deixando de ter como objectivo "a igualdade estratégica com Israel" (Walker 1987:19).

O reconhecimento do Estado de Israel pela URSS enquanto pedra basilar para o processo de paz no Médio Oriente

Os primeiros contactos entre Israel e a URSS ocorrem, em Agosto de 1986, mas serão camuflados por Guennadi Guerasimov que não lhe conferirá natureza política. Assim, só em inícios de 1987 e, após vinte anos de relacionamento cortado, a primeira delegação oficial soviética visitará Tel Aviv. Mas isso não significava, de forma alguma, um apoio de Moscovo ao expansionismo israelita, pois o Kremlin defendia "os direitos soberanos dos povos árabes, entre eles o povo árabe da Palestina" (Walker 1987:19).

Dentro desta linha de ideias, Gorbatchov, logo após chegar ao poder, considerará a estratégia expansionista de Israel⁸ e a política imperialista da Casa Branca como factores de promoção do conflito no Médio Oriente, afirmando que os Estados Unidos encaravam esta zona do globo "como um balão de ensaio para a sua política imperialista" (Gorbatchov 1988:199). Por outro lado, Gorbatchov salientará a necessidade de "um acordo político justo" (Gorbatchov 1988:197) para a região, propondo a realização de uma

⁵ O reatamento das relações soviéticas com o Egipto ocorre em 1985.

⁶ Na Primavera de 1986, assiste-se a um estreitamento do relacionamento soviético-jordano.

⁷ Em Agosto de 1987, um deputado soviético visita Teerão, sendo, então, anunciados alguns projectos de cooperação bilateral.

⁸ A 29 de Novembro de 1947, a ONU propõe um plano de divisão da Palestina britânica em dois Estados: um judeu e um outro arabo-palestiniano. No entanto, desde a proclamação do Estado de Israel, a 14 de Maio de 48, pelo líder judeu Ben Gourion, este país tem tentado ser reconhecido, pelos restantes Estados árabes, procurando, assim camuflar as reivindicações nacionais dos palestinianos.(Carol 1993:292).

conferência internacional onde participariam “todas as partes interessadas” (Gorbatchov 1988:199), pois, segundo ele,

“é essencial tentar reduzir a um denominador comum os interesses dos Árabes, de Israel e dos seus vizinhos e de outros Estados. O que não quer dizer que pretendamos que o processo de negociação desse acordo ou os objectivos desse processo sejam prejudiciais aos interesses dos Estados Unidos e do Ocidente. Não estamos a tentar expulsar os Estados Unidos do Médio Oriente - esse objectivo seria irrealista. Mas os Estados Unidos também não devem perfiar objectivos irrealistas.” (Gorbatchov 1988:199)

Entretanto, em finais de Fevereiro de 1987, a CEE, pronunciar-se-á, favoravelmente, à convocação de uma conferência de paz para o Médio Oriente, dando, desta forma, voz à proposta lançada por Moscovo, em Julho de 1986.

Contudo, o Primeiro-Ministro, Yitzhak Shamir, considerando tratar-se de uma invenção soviética destinada a ameaçar Israel, opor-se-á, determinadamente, à sua realização⁹. Por sua vez, Shimon Peres defenderá como condição necessária à participação da URSS numa futura conferência, a concessão de uma maior liberdade de emigração aos judeus soviéticos, pelo que Moscovo passará a permitir a saída de um maior número de judeus do país. No seguimento do processo, em Abril de 1988, Yasser Arafat visita Moscovo, para uma clarificação do posicionamento da URSS acerca do conflito israelo-árabe, tendo Gorbatchov tomado como pedras basilares do processo de paz e boa vizinhança do Médio Oriente o reconhecimento do Estado de Israel e das suas necessidades de segurança. Do mesmo modo, passará a admitir as etapas intermédias, idealizadas no plano Shultz.

Desta forma, o Kremlin enviava uma mensagem de realismo político, marcando pontos no que concerne à realização de uma cimeira internacional para esta zona do globo. Por outro lado, em finais de Fevereiro de 1989, Eduard Chevardnadze fará uma digressão por quatro países do Médio Oriente e Golfo: Egipto, Iraque, Irão, Israel e a Yasser Arafat (líder da OLP), defendendo, então, que os membros permanentes do Conselho de Segurança da ONU deveriam procurar uma fórmula aceitável para as negociações de paz israelo-árabes. No entanto, Israel opor-se-á, determinadamente, a um papel de relevo da ONU e do Conselho de Segurança por considerar que esta organização tinha tendência a favorecer os árabes.

No seguimento das iniciativas diplomáticas, a 10 de Maio de 1991, o ministro dos Estrangeiros soviético, Bessmertnykh, visita Israel, tendo como objectivo principal a discussão do processo de regularização do Médio Oriente. Neste âmbito, Moscovo, adoptando uma “nova mentalidade política”

⁹ Yitzak Shamir manifestará a sua oposição à realização de uma conferência sobre o Médio Oriente, em Junho de 1987.

(Markov 1991:14) deixa de considerar a regularização da situação, nesta parte do globo, como factor essencial ao restabelecimento de relações diplomáticas com Israel. Assim, durante o encontro, as duas partes sublinharão "o desejo comum de expandir relações bilaterais em todos os campos" (Sheban 1991:14), estabelecendo, a partir de então, comunicações directas aéreas e marítimas entre os dois países, sem que com isso fossem reatados os laços cortados com a guerra israelo-árabe de 1967.

Por outro lado, Israel, apesar de acabar por aceitar a realização de uma conferência patrocinada pela URSS e EUA, continuará a recusar estabelecer negociações directas com a Organização de Libertação da Palestina por considerar que a mesma defendia "a destruição do Estado hebraico" (Vieira 1991:12). Além disso, recusará negociar com a Palestina, caso esta fale em nome da OLP. Assim, Telavive usará da sua pressão para que a Conferência de Paz de Madrid, de Outubro de 1991, seja presidida pelos dois grandes, permita encontros bilaterais separados entre Israel e os vários Estados árabes e não tenha "qualquer poder vinculativo" (Pinto 1997:31).

No entanto, tal só foi possível devido ao esforço diplomático de Baker¹⁰ que tentará explorar as consequências da segunda Guerra do Golfo, jogando com a fragilidade palestiniiana e árabe, a segurança acrescida de Israel e o desaparecimento da União Soviética. Neste contexto, nenhum membro da OLP será incluído na delegação conjunta jordano-palestiniana à Conferência de Madrid.

Quanto a Yasser Arafat, apesar de ausente, será "omnipresente em todos os media" (Viegas 1991:67), mostrando, desta forma, que a sua organização não estava fora do processo negocial e que a sua ausência não significava a marginalização ou perda de influência da OLP. No entanto, desta Conferência não sairia qualquer progresso substancial, pois as propostas israelitas não se coadunavam com a exigência palestiniiana de independência (Klein 1994:776). Aliás, este foi um problema que a Nova Ordem Internacional ainda não conseguiu resolver cabalmente.

A Guerra do Golfo: o auge dos EUA como superpotência

A 2 de Agosto de 1990, o Iraque, pretendendo reforçar o seu abalado prestígio político e resolver os seus problemas financeiros¹¹, invade o Kuwait. No entanto, tanto os motivos económicos como os de política interna são uma explicação limitada, pois o líder iraquiano nunca escondeu o objectivo de transformar o Iraque na potência hegemónica do Médio Oriente.

¹⁰ As iniciativas de Baker começarão ainda antes do conflito do Golfo terminar.

¹¹ Repare-se que um dos primeiros objectivos das forças iraquianas foi o Banco do Kuwait.

Por outro lado, Saddam Hussein, baseando-se no acordo de 1871-99 que ligava a família Sabah ao governador otomano reivindicava o Kuwait como parte integrante do território iraquiano, afirmando que as suas fronteiras haviam sido criadas artificialmente pelos colonialistas britânicos. De referir ainda que a existência de tropas sírias e israelitas no Líbano, sem qualquer impunidade, davam a Saddam a segurança do seu acto.

No entanto, aqui, os EUA tinham um objectivo económico: assegurar os aprovisionamentos vitais em petróleo vindos da Arábia Saudita, pelo que os primeiros dias de Agosto serão caracterizados por um clima de iminente intervenção militar americana.

Mas, para tal, Washington necessitava que a URSS não obstaculizasse a sua posição e, se possível, tomasse medidas concretas com vista ao repúdio internacional da acção iraquiana. Neste contexto e de uma forma inédita, as duas superpotências subscrevem uma declaração conjunta¹², apelando à comunidade internacional para que suspendesse todos os fornecimentos de armas ao Iraque. Desta forma, a URSS mostrava a sua ira e frustração, pois não recebera qualquer resposta à mensagem enviada por Chevardnadze a Saddam que referia: "Temos a certeza de que o Iraque retirará as suas tropas e esperamos que assim seja" (citado por Lopes; Fernandes 1990:2).

Entretanto e no seguimento das iniciativas tendentes à eliminação da crise do Golfo, o Presidente americano sugere, ao Conselho de Segurança da ONU, a aplicação de sanções em todos os campos (militar, económico, financeiro, serviços), proposta que é apoiada pela Alemanha Federal, Japão, Itália, Bélgica, Suíça, Holanda, Brasil e até mesmo pela Albânia e Cuba que recriminam Saddam Hussein à sua maneira.

Assim, a 6 de Agosto, é aprovada a resolução 661 que decreta o embargo económico ao Iraque e ao Kuwait e, três dias depois, o Conselho de Segurança da ONU considera a anexação do Kuwait como um acto "nulo e não bem vindo" (M.C.G. 1994:20). A comunidade internacional apertava o cerco e até mesmo a China que se opunha ao desenvolvimento militar das grandes potências acabaria por aceitar não fazer uso do seu veto para a utilização da força¹³.

Quanto a Moscovo, depois de apoiar os EUA, numa primeira fase, mostrar-se-á reticente quanto à imposição de um embargo total, assim com

¹² A Declaração conjunta é subscrita a 2 de Agosto de 1990. A partir de então, apesar de velhos aliados, a URSS corta o fornecimento de armas ao Iraque, mostrando, desta forma, a sua repulsa pela acção iraquiana. (Langellier 1991:2).

¹³ A decisão da China data de 22 de Agosto de 1990.

relativamente ao recurso à força pois, de acordo com Yuri Gromykh¹⁴, dever-se-ia: “explorar o potencial de soluções e de medidas políticas”¹⁵, a fim de evitar a precipitação e catástrofe militar. Claro que esta posição não é alheia à visita do Vice-Primeiro-Ministro iraquiano, Saadoun Hammadi, a Moscovo, a qual terá, como resultados práticos, a indisponibilidade soviética em participar numa eventual ... força multinacional ... para o Golfo. Só que, desta forma, a crise do Golfo tornava-se num dilema para o Kremlin¹⁶ pois, se até então, a URSS de Gorbachov vinha alinhando com os Estados Unidos, nas grandes questões internacionais, neste caso particular, Moscovo sabia que da sua posição dependeria o equilíbrio militar na região.

250 Refira-se, igualmente, a delicadeza e complexidade de qualquer tomada de posição soviética, pois, o Iraque era “o baluarte da sua política do Médio Oriente” (Cornwell 1990:4). Assim, se a URSS retirasse os seus conselheiros daquele país¹⁷, arriscava-se a que Bagdade anulasse a sua cumplicidade e com ela uma dívida de seis mil milhões de dólares. Mas, uma outra razão intimidava o Kremlin: a situação geográfica do Iraque, com duzentos quilómetros de fronteira no sul da Arménia e Azerbaijão, a qual poderia vir a desestabilizar, completamente, a região militar soviética da transcaúsia.

Finalmente, alguns militares soviéticos e políticos da facção conservadora, defendiam que a presença de contingentes militares americanos, na região, colocava a fronteira sul da União Soviética em risco. Assim, a URSS, apesar de ter votado a favor da decisão 665 do Conselho de Segurança da ONU, relativa ao uso de medidas apropriadas contra eventuais violadores das sanções económicas manifestará não tencionar “usar a força nem participar em operações (militares)”¹⁸, reforçando, desta forma, o seu papel neutral e salvaguardando o seu desempenho de mediador do conflito.

No entanto, durante a cimeira de Helsínquia¹⁹, Bush e Gorbachov encontram-se e debatem entre outros assuntos, as mudanças na Europa, as reformas na URSS, o desarmamento (nomeadamente o controle de armas estratégicas - START e convencionais - CFE) e, como é óbvio, a crise do Golfo, pois para os americanos era importante que um eventual uso da força contra o Iraque tivesse a aprovação de Moscovo. Como resultado, o

¹⁴ Yuri Gromykh, porta-voz do ministério soviético dos Negócios Estrangeiros faz tal afirmação a 22 de Agosto de 1990.

¹⁵ Citado por C.V., “URSS joga na diplomacia”, *Público*, 23 de Agosto de 1990, p. 2.

¹⁶ O inicial silêncio soviético e as reticências, por parte da França, se ficaram a dever ao facto destes dois países terem antigas relações cordiais com o Iraque, sendo, inclusivamente, os maiores fornecedores bélicos de Saddam. VIEIRA, Miguel, “Diplomatas procuram saída política”, *Público*, 27 de Agosto de 1990, p. 2.

¹⁷ A URSS dispunha de cento e noventa e três conselheiros no Iraque. Coelho; Seabra 1990:5).

¹⁸ VIEIRA, Miguel, *ibid.* Cita Chevardnadze.

¹⁹ A cimeira de Helsínquia ocorreu a 9 de Setembro de 1990.

líder dos Estrangeiros soviético referirá²⁰, perante as Nações Unidas, que Saddam foi o protagonista de um acto de terrorismo contra a nova ordem mundial nascente. No entanto, só aceitará o recurso à força depois de serem usadas todas as formas políticas, pacíficas, não-militares de pressão sobre o agressor em conjugação com medidas económicas e outras. Por outro lado, chamará a atenção de Bagdad para que ouça a voz da razão, acate as exigências do direito e do bom senso e adopte uma atitude responsável e humana.

O fracasso da mediação soviética e a intervenção dos Aliados

Falhadas todas as tentativas de mediação bem como o encontro²¹ entre Perez de Cuellar, secretário-geral das Nações Unidas e Tarek Aziz, ministro dos Negócios Estrangeiros iraquiano, a 29 de Novembro, a ONU, através da resolução 678, autoriza o recurso à força contra o Iraque²², caso este não tenha evacuado até 15 de Janeiro de 1991²³. Consequentemente, dois dias depois da data limite, fixada pelas Nações Unidas, os EUA lançam a operação 'tempestade do deserto'²⁴ que contará com o apoio da Grã-Bretanha e de certos países da região²⁵, como o Egipto²⁶, Síria²⁷, Jordânia²⁸, Paquistão, Turquia, Índia e Israel que se tornará no aliado de confiança da América.

Também François Mitterrand, de início reticente quanto ao recurso à força, acabará por admitir viver-se numa lógica de guerra da qual seria difícil sair e enviar forças para a região.

Quanto à União Soviética acabará por ter uma posição bastante desvalorizada, quase reduzida à de um observador. Aliás, de acordo com uma anedota moscovita, os dirigentes soviéticos assistem à guerra pela CNN. Assim, Moscovo procurará alcançar algum protagonismo, através da apresentação

²⁰ A referida afirmação é feita a 24 de Setembro de 1990.

²¹ Note-se que este encontro ocorreu a 1 de Setembro de 1990.

²² O Ocidente justificará a sua intervenção no Kuwait alegando a necessidade de promover o respeito do direito internacional. (M.C.-G. 1994:19-20).

²³ Os EUA ultimam uma saída iraquiana do Kuwait até 1 de Janeiro de 1991, pretendendo Moscovo adiar esta data para 15 do mesmo mês. A proposta soviética sairá vencedora.

²⁴ Esta operação durará até ao dia 30 de Janeiro de 1991 e será preparada por Dick Cheney, secretário de estado da Defesa, Colin Powell, Chefe de Estado-Maior da Armada e Norman Schwarzkopf, Chefe das tropas aliadas.

²⁵ A invasão e a anexação do Kuwait pelo Iraque foi condenada, no seio da ONU, por todos os governos árabes. No entanto, com o desenrolar dos acontecimentos, cada país foi escolhendo o seu campo de apoio, de acordo com as zonas de influência.

²⁶ O clube de Paris perdoará 50% da dívida ao Egipto em troca do seu contributo para a resolução do conflito.

²⁷ Com a sua tomada de posição a favor dos aliados, a Síria recebe apoios da parte da RFA, do Japão e da CEE.

²⁸ Destaquem-se os esforços feitos pelo rei Hussein da Jordânia, no sentido de se encontrar uma solução árabe para a crise.

de um plano para o cessar-fogo e retirada das tropas iraquianas do Kuwait, o qual será, no entanto, rejeitado por Saddam que considera que a mensagem "deveria ter sido enviada para a morada do opressor e não a Saddam Hussein e o seu povo" (Vieira 1991:5).

Assim, em finais de Janeiro, Yasser Arafat, líder da Organização de Libertação da Palestina e principal aliado de Saddam, abre caminho para novas iniciativas diplomáticas, deixando um pouco de parte o apoio à causa iraquiana. No entanto, os apelos de Arafat não vão produzir efeitos, pois a sua posição inicial havia-o descreditoado perante a opinião internacional.

252 Por outro lado, em inícios de Fevereiro, o Presidente do Irão, Ali Akbar Hachemi Rafsanjani, manifestará a sua disponibilidade para mediar o conflito entre os EUA e o Iraque, proposta que será acolhida com agrado pela França, por Perez de Cuellar e por Moscovo, pois a URSS e o Irão tinham "pontos de vista idênticos sobre a necessidade de pôr fim à guerra rapidamente"²⁹. Contudo, Washington, reticente, escarnecerá a proposta, perguntando o que havia para mediar.

Como contraponto, a 9 de Fevereiro de 1991, o líder soviético reafirmará a sua fidelidade fundamental aos princípios contidos nas resoluções das Nações Unidas, mas manifestará o seu receio de que as operações militares estejam a criar a ameaça de que os limites do mandato da ONU sejam ultrapassados. Desta forma, quando o ministro dos Negócios Estrangeiros francês, Roland Dumas, visita Gorbatchov³⁰, ambos se manifestarão favoráveis à realização de uma conferência internacional para a resolução do conflito do Médio Oriente. A URSS tornava-se na "placa giratória das iniciativas diplomáticas" (Yurchenko 1991:6). De facto, Gorbatchov não poderia continuar imparcial a um acontecimento desta ordem, pois se a ajuda económica ocidental era vital para manter as reformas no seu país, também era verdade que Gorbatchov necessitava de liberdade de acção para a região do Báltico, visto que tanto os conservadores como o aparelho militar soviético manifestavam o seu descontentamento relativamente àquilo que consideravam uma traição. Para além disso, Moscovo apercebia-se de que a sua concordância com as decisões de Washington tinha por preço o distanciamento para com os seus aliados árabes, muito embora tivesse permitido uma nova relação com Israel, na qual a URSS tinha interesse, nomeadamente, por causa da questão dos judeus soviéticos.

²⁹ MOURA, Paulo, "Gorbatchov tem plano", *Público*, 10 de Fevereiro de 1991, p. 6, cita o vice-ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, Alexandre Belonogov.

³⁰ Roland Dumas visita Gorbatchov a 12 de fevereiro de 1991.

Finalmente e dada a constatação de que a sua influência na Europa estava perdida, a URSS sentia necessidade de:

- Evitar que o fundamentalismo alastrasse às Repúblicas soviéticas islâmicas;
- Impedir que novas potências regionais aparecessem;
- Dificultar o estabelecimento de uma força ocidental, na região, liderada pelos EUA;
- Manutenção de um aliado forte no Golfo, fundamentalmente para a sua indústria de armamento e para a futura diplomacia na região. Assim, tornava-se imperioso impedir que o Iraque fosse completamente destruído.

Desta forma, não é de estranhar que, a 18 de Fevereiro, Gorbatchov entregue, a Tarek Aziz, um plano de paz, contendo quatro pontos distintos:

- Retirada incondicional do Iraque do território kuwaitiano, de forma a tornar possível uma paz rápida;
- Compromisso soviético em garantir a conservação das estruturas estatais e as fronteiras do Iraque;
- Oposição da URSS a qualquer tipo de represálias, visando o Iraque ou a pessoa de Saddam Hussein;
- Abertura de negociações com vista à resolução dos problemas da região.

Ora, este plano será bastante admirado tanto pela Comunidade Europeia, em geral, como pela Alemanha, em particular, o mesmo se passando com a Jordânia, Egito, Síria e Perez de Cuellar que elogiaria a URSS por se ter empenhado numa oportunidade histórica para evitar uma batalha terrestre. No entanto, enquanto Saddam Hussein aceita retirar do Kuwait, sob condições aceitáveis³¹, os Estados Unidos, tendo a Grã-Bretanha como aliada, afirmarão que Não haverá concessões nem nada a oferecer pelo que a guerra continua. Assim, a 24 de Fevereiro, o mundo assistirá ao lançamento da ofensiva terrestre pelas forças aliadas³². E, em cem horas, os objectivos fixados pelo

³¹ Entre essas condições, destacamos a suspensão das sanções de tipo económico, após retirada de dois terços das forças armadas iraquianas, a libertação dos prisioneiros de guerra após proclamação do cessar-fogo, supervisão da retirada das tropas pela ONU e por países não participantes na força multinacional. MOURA, Paulo, "Saddam diz "sim" a Gorbatchov", *Público*, 22 de Fevereiro de 1991, p. 2.

³² Tanto a França como a Grã-Bretanha apoiaram a ofensiva, apontando como inevitável tal acto e até mesmo a Alemanha que vinha sendo um interlocutor de Moscovo acabará por defender que "O mundo não pode nem deve deixar que Saddam Hussein jogue novamente com o tempo". (Penny 1991:12)cita Helmut Kohl.

Presidente Bush foram conseguidos, pelo que a 3 de Março é proclamado o cessar-fogo provisório.

O fracasso da mediação soviética e a consequente ofensiva aliada terrestre viriam tornar mais frágeis as relações soviético-americanas, pois tal como o jornal soviético, Komsomolskaia Pravda, afirmaria³³:

“Os acontecimentos dos últimos dias riscaram os sonhos ... de cooperação entre a União Soviética e os Estados Unidos tendo em vista o estabelecimento de uma nova ordem mundial ... Moscovo não confia em Washington porque ... a Casa Branca começou a agir por sua conta, não olhando aos interesses soviéticos”.

254

Por outro lado, a Guerra do Golfo acabaria por institucionalizar a perda de estatuto de superpotência pela URSS.

BIBLIOGRAFIA

AMIRAHMADI, Hooshang, “The United States and the Middle East: A search for new perspectives”, in *The United States and the Middle East - A search for new perspectives*. USA: State University of New York Press, 1993, pp. 3 a 31.;

ANÓNIMO, “Médio Oriente: CEE defende conferência de paz”, in *Expresso*, 28 de Fevereiro de 1987, p. 11.;

ANÓNIMO, “Moscovo pede visto a Israel para visita de missão consular”, in *Diário de Notícias*, 18 de Junho de 1987, p. 9.;

ANÓNIMO, “Gorbatchov tenta recuperar posições”, in *Expresso*, 16 de Abril de 1988, p. 19.;

ANÓNIMO, “Chevardnadze recomenda ONU para pacificar Médio Oriente”, in *Diário de Notícias*, 20 de Fevereiro de 1989, p. 13.;

ANÓNIMO, “Maré baixa na diplomacia”, in *Público*, 21 de Janeiro de 1991, p. 10.;

BERG, Eugène, *La politique internationale depuis 1955*. Paris: Economica, 1989.;

CAROL, Anne *et al*, *Dictionnaire d'histoire du XXe siècle*. Paris: Hatier, 1993.;

COELHO, Alexandra Prado, **SEABRA**, João, ““Casa comum” para o Golfo”, in *Público*, 7 de Setembro de 1990, p. 5.;

CORNWELL, Rupert, “O que Gorbatchov dirá a Bush”, in *Público*, 4 de Setembro de 1990, p. 4.;

C. V., “URSS joga na diplomacia”, in *Público*, 23 de Agosto de 1990, p. 2.;

DUROSELLE, Jean-Baptiste, *Histoire diplomatique de 1919 à nos jours*. Paris: Dalloz, 1990.;

FERREIRA, L. Gonzaga, “Alguns aspectos da crise do Médio Oriente”, in *Nação e Defesa - Revista de Assuntos Políticos, Económicos, Científicos e Militares*, nº 47, Julho/Setembro de 1988, pp. 105 a 150.;

GOLAN, Galia, “Gorbachev's Middle East Strategy”, in *Foreign Affairs*, Fall 1987, p. 41 a 57.;

GOMES, Adelino, “Bush a Gorbatchov: vamos vencer Saddam”, in *Público*, 9 de Setembro de 1990, p. 2.;

GORBATCHOV, Mikhail, “O que eu realmente quero”. Lisboa: edições Referendo, 1988.;

³³ Tal afirmação é feita a 26 de fevereiro de 1991.

- GORBATCHOV, Mikhaïl**, *Perestroïka - Novo pensamento para o nosso país e para o mundo*. s.l.: Círculo de Leitores, 1991.;
- HEIKAL, Mohamed**, *Secret Channels: The Inside Story of Arab-Israeli Peace Negotiations*. Londres: Harper Collins, 1996.;
- JULIEN, Claude**, "Guerres saintes", in *Le Monde Diplomatique*, septembre 1990, p. 14.;
- KLEIN, Claude**, "L'État d'Israël: institutions et vie politique", in *Encyclopaedia Universalis*. vol 12, Paris: Encyclopaedia Universalis, 1994, p. 771 a 777.;
- LANGELLIER, Jean-Pierre**, "Une guerre tant annoncée ...", *Le Monde*, 18 janvier 1991, p. 2.;
- LE MOS, José Alberto**, "Guerra ou paz à espera da cimeira", in *Público*, 4 de Setembro de 1990, p. 3.;
- LOPES, Margarida Santos FERNANDES, Jorge Almeida**, "Tanques do Iraque a 8 Km da Arábia Saudita", in *Público*, 4 de Agosto de 1990, p. 3.;
- LOPES, Margarida Santos**, "Washington assegura superioridade de Israel", in *Público*, 7 de Setembro de 1990, p. 5.;
- MARKOV, Vladimir**, "O ponto de vista soviético", in *Público*, 11 de Maio de 1991, p. 14.;
- M. C.-G.**, "Un autre scénario pour la crise du Golfe de 1990", in *Manière de voir 21 - Le désordre des nations*, février 1994, p. 20.;
- MOURA, Paulo**, "Bush pressiona Nações Unidas", in *Público*, 23 de Agosto de 1990, p. 3.;
- MOURA, Paulo**, "Gorbatchov tem plano", in *Público*, 10 de Fevereiro de 1991, p. 6.;
- MOURA, Paulo**, "A duplicidade soviética", *Público*, 18 de Fevereiro de 1991, p. 4.;
- MOURA, Paulo**, "Saddam diz "sim" a Gorbatchov", in *Público*, 22 de Fevereiro de 1991, p. 2.;
- MONTBRIAL, Thierry** (direcção), *Ramsés 92 - Synthèse annuelle de l'actualité mondiale*. Paris: Dunod, s. d.;
- PENNY, Gerald**, "Europa apoia ofensiva terrestre", in *Público*, 25 de Fevereiro de 1991, p. 12.;
- PINTO, Maria do Céu Ferreira**, "A política americana no Médio Oriente", in *Nação e Defesa - Revista de Assuntos Políticos, Económicos, Científicos e Militares*, nº 82, Abril/Junho de 1997, p. 31.;
- RODRIGUES, Pedro Caldeira**, "Do não com reservas ... ao sim, ou talvez", in *Público*, 21 de Fevereiro de 1991, p. 4.;
- ROWEN, Robert**, in *International Herald Tribune*, 16 août 1990.;
- SHEBAN, Jeffrey**, "URSS no jogo da paz", in *Público*, 11 de Maio de 1991, p. 14.;
- SOUSA, Fernando**, "Moscou ameaça Bagdad", in *Público*, 26 de Setembro de 1990, p. 7.;
- VIEGAS, José Gabriel**, "Operação Pax em Madrid", in *Sábado*, nº 177, 7 de Novembro de 1991, p. 67.;
- VIEIRA, Miguel**, "Diplomatas procuram saída política", in *Público*, 27 de Agosto de 1990, p. 2.;
- VIEIRA, Miguel**, "Bush-Gorbatchov: entre a diplomacia e o uso da força", in *Público*, 2 de Setembro de 1990, p. 2.;
- VIEIRA, Miguel**, "Arafat desafia Israel", in *Público*, 23 de Outubro de 1991, p. 12.;
- VIEIRA, Miguel**, "Saddam rejeita paz de Gorbatchov", in *Público*, 22 de Janeiro de 1991, p. 5.;
- VIANA, Clara**, "Os caminhos cruzados da diplomacia", in *Público*, 13 de Fevereiro de 1991, p. 6.;
- WALKER, Martin**, "Febre do Médio Oriente atinge URSS", in *Expresso*, 23 de Maio de 1987, p. 19.;
- YURCHENKO, Boris**, "Moscou procura salvar a face do Iraque", in *Público*, 16 de Fevereiro de 1991, p. 6..